



**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA**

**Cinemateca Júnior**

**Sábado, 29 de março de 2025, 15h**

**SESSÃO FILMSCHOOL**

**DIA INTERNACIONAL DAS NUVENS**

NO DIA DOS MEUS ANOS, de João Botelho, Portugal, 1992 - 65 min

CÉU DE OUTONO, de Manuel Luiz Vieira Portugal, 1934 – 6 min

Duas visões dos céus de Lisboa, separadas por quase sessenta anos, e dois filmes onde o cinema serve para fazer a ligação entre a terra e o ar. Sessão integrada na Journée International des Nuages, projeto poético-político de Mathieu Simonet, em colaboração com o Instituto para o Desenvolvimento Social e a Escola Profissional da Metropolitana, e o apoio do programa de cooperação bilateral EEAGrants 2020-2024. Com a presença de João Botelho (cineasta), Joana Villaverde (artista) e Margarida Belo-Pereira (meteoróloga).



**NO DIA DOS MEUS ANOS**

*Um filme de João Botelho, Portugal, 1992*

**Realização e argumento:** João Botelho **Direção de fotografia:** Dominique Le Rigoleur **Decoração:** Ana Vaz da Silva  
**Música:** A. Schoenberg, A. Schnittke, Arvo Pärt, Blondie **Som:** Vasco Pimentel **Montagem:** José Nascimento e Manuela Viegas  
**Interpretação:** André Costa (Miguel), Madalena Rodrigues (Joana), Paulo Matos (piloto), Jessica Weiss (Laura),

João Lagarto (pai), Artur Ramos (avô), Vitor Norte (Rafael), Leonor Silveira (mulher do piloto), Margarida Marinho, Artur Semedo, André Gomes, Inês de Medeiros, Henrique Viana, etc. **Produção:** Madragoa Filmes – RTP – La Sept **Produtor:** Paulo Branco **Cópia:** digital, colorida, falada em português **Duração:** 65 m. **Estreia comercial:** King, a 21 de Agosto de 1992.

NO DIA DOS MEUS ANOS insere-se numa série temática lançada e coproduzida pela Radiotelevisão Portuguesa, no princípio dos anos 90, tendo como mote temático “os quatro elementos”. João Mário Grilo filmou a “terra” em O FIM DO MUNDO, Joaquim Pinto filmou o “fogo” em DAS TRIPAS CORAÇÃO, João César Monteiro a “água” em O ÚLTIMO MERGULHO. A João Botelho coube, em NO DIA DOS MEUS ANOS, aquele que é provavelmente o mais abstrato, ou pelo menos mais dificilmente materializável em imagens, dos quatro elementos: o “ar”.

Como filmar o “ar”, esse elemento que nos rodeia, que é o “sopro indispensável à existência de todos os seres vivos” (como se diz no filme), mas que não tem “imagem”? Sem nunca se tornar propriamente um ensaio ou um filme teórico, essa interrogação passa pelo filme: é ver por exemplo os planos iniciais, com o céu e as nuvens (parecidas com as nuvens de Godard ou de Straub), depois as folhagens das árvores a serem batidas pelo vento, pelo ar em movimento, na mais límpida das suas manifestações visíveis (e se as nuvens “traziam” essas duas citadas referências, importantes para João Botelho, o vento nas árvores traz obviamente outra: Griffith). Muitas referências ao “ar” aparecerão durante o filme, dos aviões (os miúdos a brincar aos “terroristas” nas imediações do aeroporto da Portela) à personagem do piloto, da aula declamada (é o termo) por André Gomes numa das cenas iniciais às múltiplas referências polvilhadas nos diálogos e nas situações do filme. Uma das mais discretas, mas mais decisivas, será a que, alude à tosse da personagem de Victor Norte, sintoma enigmático que aponta para um ar poluído, para um ar não saudável.

E essa é uma questão importante. Construído de forma fragmentada, num tipo de estrutura narrativa que Botelho frequentemente cultivou (o “mosaico”) e a que no futuro voltaria diversas vezes (ocorre-nos muito em especial a lembrança de TRÁFICO, talvez o filme de Botelho que mais responde, no final da década de 90, a este filme do princípio da mesma década, como numa relação especular), NO DIA DOS MEUS ANOS vê-se hoje como um diagrama da vida urbana portuguesa (ou pelo menos lisboeta) naquele período, em que se começavam a sentir os efeitos da “modernização” do país (e concretamente os efeitos da entrada, meia-dúzia de anos antes, na comunidade europeia) e se anunciava a euforia que tomaria conta de boa parte dessa década (é por isso que nos ocorre TRÁFICO, filme “do outro lado” dessa euforia, posterior a ela). De certa forma, neste filme sobre o “ar”, ficou sobretudo o “*ar do tempo*”, como o ilustram ainda as menções (a voz off no aeroporto, as conversas entre os dois presidiários, as notícias na televisão) à desordem europeia que se seguiu ao colapso da URSS, então ainda muito recente e missa de que ainda nem a metade se conhecia.

Nas suas divagações – enquanto “monta” a sua narrativa central, a história do miúdo e do pai (João Lagarto), que só a dada altura se torna explícita – NO DIA DOS MEUS ANOS vive de cenas curtas, de personagens que se apanham agora e se largam a seguir sem se ter a certeza de que as voltaremos a apanhar, filma um mal estar que está no ar – será finalmente o que liga tudo, e sem jogo de palavras, pois se pode dizer que toda a gente respira o mesmo ar (e qual é por exemplo a ligação entre as cenas da família do miúdo e as do casal de Paulo Matos e Leonor Silveira? As paredes muito finas, como diz a rapariga, incapazes de suster as ondas sonoras, propagadas no ar, das discussões entre o casal). Mesmo as personagens que aparecem para uma única cena (a de Henrique Viana, por exemplo) não se tornam anedóticas – mérito de um cineasta em plena forma, mérito de um leque de atores que corresponde à “nata” do princípio dos anos 90. E a melhor medida do sucesso do filme, nessa estratégia de recortar e isolar dentro do “mosaico” um nódulo central, serão os planos finais, o reencontro do miúdo, do pai e da mãe, dado com uma doçura extraordinária.

Luís Miguel Oliveira

## CÉU DE OUTONO

*Um filme de Manuel Luís Vieira, Portugal, 1934*

**Realização e Fotografia:** Manuel Luís Vieira **Produção:** H. da Costa **Distribuição:** Bloco H. da Costa **Cópia:** digital, preto e branco, muda, **Duração:** 6 m. **Primeira exibição na Cinemateca:** 17 de outubro de 2011 (“Abrir os Cofres – Imagens de Portugal: Panorâmicas”).

As nuvens do céu de Lisboa quando Lisboa era uma cidade do século XX, são o motivo de CÉU DE OUTONO, filmado em 1934. É mais exato dizer, quando Lisboa era uma cidade das primeiras décadas do século XX. Pela altura em que Manuel Luís Vieira filmava com originalidade, exuberância fotográfica, um apurado sentido plástico, atento às paisagens como a motivos. De exercícios de cavalaria (CAVALARIA PORTUGUESA, 1929), felinos lisboetas (GATOS, 1934) amendoeiras floridas algarvias (AMENDOEIRAS EM FLOR, 1935) ou festejos carnavalescos (CARNAVAL NO PARIS, 1935), uma tosquia de ovelhas em solo madeirense (TOSQUIA DE OVELHAS NO PAÚL DA SERRA – ILHA DA MADEIRA, 1937), entre os mais tradicionalmente documentais.

A importância do seu nome na história do cinema português é conhecida: Manuel Luís Vieira, que foi fotógrafo e teve uma casa de artigos fotográficos no Funchal, onde nasceu em 1885, foi um dos mais relevantes – e requisitados – operadores e diretores de fotografia da época, papel em que colaborou com não poucas, e não pouco sonantes, personalidades, entre as quais Jorge Brum do Canto, Leitão de Barros, Chianca de Garcia ou António Lopes Ribeiro. Foi também responsável pela fundação da Empresa Cinegráfica Atlântida em 1925, no Funchal, iniciando atividade no cinema com a rodagem de documentários sobre aspetos da ilha da Madeira e transformando o *atelier* de fotografia em estúdio de cinema. Neste contexto passa à ficção e, antes de abandonar o Funchal para se radicar em Lisboa, realiza A CALÚNIA (um melodrama) e O FAUNO DAS MONTANHAS (em cuja narrativa releva a mitologia romântica), ambos de 1926, dois filmes intimamente ligados à paisagem da Madeira, filmados num registo lírico que faz deles dois casos invulgares da filmografia portuguesa. Para quem os conheça (e na Cinemateca têm sido apresentados), CÉU DE OUTONO (como AMENDOEIRAS EM FLOR) faz *raccord*.

Não há nada de parecido com CÉU DE OUTONO no cinema português da época. Filme da Primavera, dando a ver as “primeiras árvores de toda a Europa que anunciam o advento da Primavera”, AMENDOEIRAS EM FLOR é composto por uma sucessão de imagens de árvores em flor, em *travellings* que as percorrem ao longo das estradas e imagens que se vão cerrando das copas aos grandes planos das flores num registo oriental que um dos intertítulos sublinha – “só o Japão sofre o confronto com as galas naturais do Algarve em Fevereiro”. São belas imagens, um belo ensaio. Mas apresentando o mesmo tipo de qualidades visuais, um mesmo gosto pela fotogenia da Natureza, CÉU DE OUTONO é surpreendente, “Uma Crónica Lisboeta de Manuel Luís Vieira”. De espírito experimentalista.

Retratando Lisboa nessa estação, o realizador volta a câmara para cima em CÉU DE OUTONO. A perspetiva não adota a altura do motivo, como sucede nas AMENDOEIRAS: olha-o em contrapicado, enquadrando o céu e as nuvens lisboetas numa sucessão de imagens em que a paisagem e os seus recortes estão frequentemente em contraluz. Os planos gerais de Lisboa, as vistas do rio, as embarcações, as panorâmicas sobre o Terreiro do Paço, o Cais das Colunas, bem como os monumentos e as estátuas a partir da água ou nesse contracampo, tudo lá está, como “crónica lisboeta”. E lembram-se as panorâmicas tão menos “antigas” da ficção de Jorge Silva Melo em PASSAGEM OU A MEIO CAMINHO (1980), as de João César Monteiro no começo das RECORDAÇÕES DA CASA AMARELA (1989) quando foram para as águas largas do Tejo olhar o recorte ribeirinho, as encostas, a claridade de Lisboa. Que também está em CÉU DE OUTONO. Mas neste, é o movimento das nuvens, o seu

desenho e as suas possibilidades plásticas que *fazem* o filme, por elas atraído e a elas votado. O que era raro. Poeira flutuante no ar para projeção de luz em sala escura.

Maria João Madeira

\* O texto desta "folha" retoma uma versão originalmente escrita para um programa conjunto de curtas-metragens de Manuel Luis Vieira em 2014.

Duração total da sessão: Duração total da projeção: 71 min | M/12

Sessão apresentada e mediada pelos alunos dos cursos de Mediação Intercultural e Técnicos de Assuntos Jurídicos do Instituto para o Desenvolvimento Social, com a presença de João Botelho (cineasta), Joana Villaverde (artista) e Margarida Belo-Pereira (meteoróloga), no âmbito do **Projeto Filmschool**.

Para saber mais sobre o **Projeto Filmschool** siga-nos em:

<http://www.cinemateca.pt/Cinemateca-Junior.aspx>

@\_filmschool\_

Esta sessão decorre no âmbito do Programa de Cooperação Bilateral do Mecanismo Financeiro Europeu  
EEAGrants 2020-2024

  
**Iceland**  
**Liechtenstein**  
**Norway grants**